

# Viver a fé num mundo sem Deus<sup>1</sup>

*Vitor Galdino Feller\**

---

\* Doutor em Teologia. Diretor e Professor da FACASC. Vigário Geral da Arquidiocese de Florianópolis.

<sup>1</sup> Discurso proferido como Paraninfo na Sessão Solene de Colação de Grau da 1ª turma do curso de bacharelado em Teologia da FACASC, no dia 12 de dezembro de 2015.



Caríssimos formandos!

Agradeço o convite para ser paraninfo de vocês, primeira turma do curso de bacharelado em Teologia reconhecido pelo MEC.

O curso de teologia, que hoje vocês concluem, equilibra-se em duas forças aparentemente antagônicas. É confessional, porque oferecido por uma instituição de ensino superior mantida pela Igreja Católica, porque se caracteriza como ciência crítica da fé cristã em sua vertente católica, e porque tem como objetivo precípua a formação de futuros presbíteros e agentes de pastoral para o serviço evangelizador dessa mesma Igreja no anúncio do Reino de Deus. Mas foi autorizado e, depois, reconhecido pelo Ministério da Educação de um Estado laico e tem, por isso, reconhecimento civil. Um curso de teologia, da ciência crítica da fé cristã e católica, amparado legalmente pela laicidade do Estado. Confessionalidade da teologia garantida pela laicidade do Estado.

A essa dupla referência acrescenta-se outra: a secularidade da sociedade. Vivemos numa sociedade que, apesar da aparência religiosa, torna-se cada vez mais fechada ao transcendente, para concentrar-se no imediato e concreto do mundo. A religião, antes centro das atenções e ações do ser humano, há tempo cedeu espaço aos diversos “mundos” em que se configura a sociedade, ressaltando-se a ciência, a política e a economia, sem menosprezo de outros nos quais transitamos no cotidiano de nossa existência: família, trabalho, educação, entretenimento, entre outros. Até a religião ganha contornos seculares, porque ela tem-se tornado mercadoria de consumo, de autossatisfação imediata de necessidades físicas e psíquicas, objeto disponível na banca do mercado, da moda e da mídia.

Essa tríplice faceta – confessionalidade da teologia, laicidade do Estado e secularidade da sociedade – me instiga a oferecer-lhes, nesta última aula, uma reflexão provocativa, com a pretensão de iluminá-los numa importante questão que os acompanhou nestes quatro anos de estudo e que, espero, os provocará constantemente em sua missão de teólogos e pastores: como viver a fé cristã num mundo que prescinde de referências a Deus?

Nos seus discursos escatológico-apocalípticos, Jesus falava de um tempo próximo como época de trevas, de messias enganadores, falsos



profetas, divisões familiares, ódios e perseguições, traições, fome e terremotos, tribulações, guerras e revoluções (Mt 24,4-25; Mc 13,5-27; Lc 21,8-28). Mas tudo isso vem acontecendo nestes dois mil anos de cristianismo e é uma característica do nosso tempo. Jesus convidava a enfrentar essa terrível situação, com duas atitudes: vigília e oração (ver Mt 24,42s; Mc 13,33-36 e Lc 21,36). Os Santos Padres traduziram essas atitudes em outras duas: desconfiança e diálogo. Assim, pela vigília se chega à desconfiança e difidência diante daquilo que é mau, porque marcado pelo pecado do ser humano. Pela oração se chega à contemplação do que é bom e ao diálogo com aquilo que se descobre como fruto da obra criadora de Deus.

Na Sagrada Escritura, sobretudo nos escritos joaninos, o mundo é caracterizado como lugar da descrença e do pecado, da concupiscência, das tentações, dos ídolos abomináveis (*Mamon, Eros e Hybris* = ter, prazer e poder). O mundo atual é marcado pela magia da técnica, o poder do dinheiro, a norma do prazer egoísta, a superficialidade do materialismo, o secularismo que reduz a realidade ao primeiro nível, sem espaço ao absoluto, a ditadura do relativismo, em que cada um pretende impor sua verdade aos outros, o princípio individualista.

Nessa situação, parece acentuada a contradição entre a fé cristã e o mundo. Diminui o número de crentes verdadeiros e parece que a grande apostasia dos cristãos já começou. A pergunta de Jesus torna-se, hoje, mais angustiante: “*Quando vier o Filho do homem, porventura achará fé sobre a terra?*” (Lc 18,8).

Pela oração e pelo diálogo, ao contrário, experimentamos a bondade do mundo. Não há como viver fora do mundo. O cristão vive no mundo, sem ser do mundo (Jo 17,14-16). Mesmo sem pertencer ao mundo, faz parte do mundo (família, comunidade, paróquia, apostolado, profissão etc.), serve-se das bondades do mundo (avanços científicos, conhecimentos e técnicas, recursos da medicina, meios de comunicação e transporte, artes e esportes e atividades culturais, avanços na área de direitos humanos, organização do Estado e da sociedade etc.) e é confrontado todos os dias com o mundo (penetração das informações pela televisão e a internet nos lares). Não há como ser cristão sem estar no mundo, sem referir-se a diversos “mundos”: política, economia, ecologia, comunicação, trabalho, relações in-



ternacionais. Julgado pelo Concílio Vaticano II em sua autonomia e positividade, o mundo não é mais tido à distância, mas é o ambiente em que se vive, o ar que se respira.

O cristão é, no mundo, portador de Cristo (cristóforo), portador do Espírito (pneumatóforo) e portador de Deus (teóforo). Está no mundo, mas não pertence ao mundo (Jo 17,14), é posto à parte pela consagração batismal, participante do único sacerdócio de Cristo, é enviado ao mundo com uma missão específica. Vive, por isso, numa situação paradoxal e desconfortável de mártir (no grego, *mártys* = testemunha), sofrendo incompreensões, calúnias, chacotas, vexames, vergonhas. É a bem-aventurança da perseguição, uma prova de sua fidelidade a Cristo, de seu seguimento ao seu Senhor, crucificado e ressuscitado.

Nessa situação devemos evitar o complexo de inferioridade: achar-nos a escória da humanidade, ter vergonha de nossa fé, esconder-nos em nossas doutrinas e comportamentos, refugiar-nos em sacristias, viver a fé só no mundo privado, culpar-nos por todos os pecados passados e atuais da Igreja. O complexo de inferioridade pode levar-nos a fazer o jogo do mundo e cairmos no relativismo, no niilismo, na indiferença. Mas também é preciso evitar o complexo de superioridade: demonizar o mundo, achar-nos do grupo dos eleitos e puros, tentação integrista de julgar e de condenar, de rejeitar tudo o que vem do mundo. O complexo de superioridade pode levar-nos ao fundamentalismo, à intolerância, ao maniqueísmo de quem se acha dono da verdade enquanto todos os outros estariam dominados pelo erro.

Daí a necessidade de uma espiritualidade especificamente leiga, secular. Não só para os cristãos leigos, mas também para os ministros ordenados – bispos, presbíteros e diáconos – e membros da vida consagrada. Os Santos Padres ensinavam que a carne, o mundo, a história é o eixo, a dobradiça, da salvação. Não há salvação sem encarnação, sem história. Santo Inácio de Loyola propunha a contemplação na ação. Chiara Lubich dizia: “Eis a grande atração do tempo moderno: atingir a mais alta contemplação e manter-se misturado com todos, ombro a ombro”.

Trata-se de interioridade: encontro pessoal e íntimo com Deus e seu Cristo, de experiência profunda da presença e ação do Espírito Santo em mim, nas pessoas, na história das pessoas e da sociedade.



Mas, sem cair no intimismo, fechamento e isolamento diante das realidades do mundo, sem cair no integrismo e purismo de achar que tudo e todos têm de se integrar no mesmo regime religioso ou ideológico onde me situo, sem fechar-me à capacidade de perceber o desenvolvimento da doutrina cristã e sua adaptação às mudanças históricas. Trata-se de exterioridade e abertura: ação transformadora da realidade, compromisso efetivo para que o Reino de Deus (de paz, justiça, preservação da criação, vida digna para todos etc.) realmente aconteça, santidade pública, política, militante. Mas, sem cair no ativismo que esgarça as relações, que desgraça a fé, que esfacela e dilacera aquele eixo interior sem o qual a gente se perde, sem cair no pelagianismo de achar que o ser humano tudo pode, tudo faz, tudo cria e inventa e progride e manipula e maneja, independentemente da graça de Deus, sem cair no racionalismo que explica tudo só pela razão e ousadia do ser humano, de um antropocentrismo exacerbado que, depois, degenera no individualismo e egoísmo, num “humanismo sem Deus, que se torna um humanismo contra o homem”, como diria Paulo VI. Ainda assim não devemos temer esse humanismo. Antes devemos dialogar com ele e ajudá-lo a superar-se. De fato, no discurso de encerramento do Concílio Vaticano II, assim se expressou Paulo VI: “O humanismo leigo e profano apareceu, finalmente, em toda a sua terrível estatura e, num certo sentido, desafiou o Concílio. A religião do Deus que se fez homem se encontrou com a religião – porque tal é – do homem que se faz Deus. Que aconteceu? Um choque, uma luta, uma condenação? Podia ter sido, mas não foi. A antiga história do samaritano foi a pauta da espiritualidade do Concílio. Uma simpatia imensa o penetrou por inteiro”.

Uma espiritualidade, portanto, como a do próprio Jesus de Nazaré, crítico, profético, ético, ousado, livre das leis e tradições e rituais, das exigências cúlticas e sacrificiais do sacerdócio e do templo... para ser ele mesmo o Templo, o Sacerdote, o Homem verdadeiramente livre, tão humano que só pode ser Deus. Afinal, nossa fé em Jesus se funda na fé de Jesus, na fé que ele teve em Deus, seu Abbá.

Nossa fé tem como interlocutor um Deus que criou este mundo, que encarnou-se neste mundo e que ressuscitará e glorificará este mundo. Do Gênesis ao Apocalipse, a revelação divina nos ensina a apreciar o mundo. Pois Deus viu que ele é bom/muito bom (Gn 1,4.9.12.18.21.25.31)



e que tudo se tornará um céu novo e uma terra nova, a cidade santa, a Jerusalém nova, *serão novas todas as coisas* (Ap 21,1-5).

Caríssimos formados, bacharéis em teologia. Em sua oração sacerdotal, Jesus pediu ao Pai não para tirar vocês do mundo nem para evitar que vocês tenham tribulações. Ele pediu para que o Pai santifique vocês no amor e na verdade. Vocês não são do mundo, mas estão no mundo para antecipar nele o céu, para fazer acontecer nele o Reino de Deus. Que Deus os santifique nesta missão pelo mundo afora!

*E-mail do autor:*

[vitorfeller@arquifln.org.br](mailto:vitorfeller@arquifln.org.br)